



Os irmãos Miguel (de óculos) e Wanderley Vischi no Sítio São Jorge, em Conchal (SP)

Citricultor de carteirinha

Alguns produtores ainda resistem em arrendar suas terras para a cana nas bacias dos rios Pardo e Mogi, em São Paulo

Texto **Eliane Silva** * Fotos **Silva Junior**, de Conchal e Bebedouro (SP)

Aos 15 anos, Miguel Vischi teve de brigar com o pai agricultor para plantar 500 mudas de laranja em um sítio da família em Conchal, no interior paulista. Hoje, com 60 anos, ele e o irmão Wanderley ainda encaram a enxada e cuidam sozinhos de 8 mil pés da fruta, que produzem 16 mil caixas de diversas variedades de citros por ano em uma pequena propriedade de 20 hectares. Com a renda da lavoura, mandaram os filhos para a faculdade e construíram boas casas na zona urbana. Os Vischi compraram trator e equipamentos e cuidam da lavoura sem empregados. "Hoje, só fica na citricultura quem é trabalhador. Eu me levanto às 5 da manhã e só volto para casa às 8 horas da noite", diz Miguel.

Bem-humorados, os dois irmãos são uma grande exceção no perfil atual do produtor e também no cenário da citricultura paulista. Além de elevar ano a

ano sua produção de laranja, de só usar adubo orgânico e destinar 100% da fruta *in natura* para o mercado interno, chegando a vender parte da produção diretamente ao consumidor, eles não cederam um hectare sequer para a lavoura de cana-de-açúcar. "Como todos os produtores de laranja, somos assediados pelas usinas, mas, enquanto eu for vivo, nas minhas terras não se planta cana", diz Miguel. Questionado se os filhos vão assumir seu trabalho e sua filosofia no sítio, ele tira o chapéu, enxuga o suor e diz: "Não sei, não".

O município onde os irmãos moram também é uma exceção: em 26 anos, Conchal quase dobrou sua área de produção de citros, que hoje ocupa 54,9% da área – eram 35,6% em 1988. Já a área para cana permaneceu estável, em 11,8%.

Os dados fazem parte de um estudo inédito feito pela Embrapa Monitoramento por Satélite, sediada em Campinas. A partir de imagens do satélite

Landsat e da interpretação do sensor Thematic Mapper, a Embrapa concluiu que, de 1988 a 2014, houve uma grande expansão da cana-de-açúcar em terras que eram ocupadas principalmente pela citricultura, mas também por pastagens e outras culturas. O levantamento focou a mudança de uso e cobertura da terra relacionada às culturas de cana-de-açúcar e citros em 125 municípios das bacias dos rios Pardo e Mogi, numa extensão de 52.000 quilômetros quadrados, ou 20% da área do Estado. Os citros perderam mais de 200.000 hectares no período, caindo de 488.686 hectares para 281.223 hectares, enquanto as terras com cana passaram de 1 milhão para 2,2 milhões de hectares. O número de unidades produtivas (UPAs) citricolas da área estudada também caiu, passando de 15.392 para 11.638, enquanto as UPAs de cana aumentaram de 21.121 para 30.884.

A pesquisa identificou que a cana assumiu o posto de maior geradora do valor de produção rural (VPR) em municípios que, até o início da primeira década deste século, eram considerados cinturões citricolas, como Bebedouro, Itápolis, Colina e Olímpia (confira no quadro na próxima página). Nessas cidades, a cana ocupa atualmente cerca de 50% ou mais da área.

Carlos Cesar Ronquim, coordenador do estudo da Embrapa, diz que, em geral, os dados colhidos confirmaram o que se esperava. A surpresa foi a manutenção e até expansão da área citricola na região de Conchal, Casa Branca, Mogi Mirim e Mogi Guaçu.

Diversificação

"Muitos produtores dessas cidades continuam na laranja porque, em vez de despejar toda a fruta na indústria, conseguem colocá-la *in natura* no mercado, por estarem mais próximos dos grandes centros, como Campinas e São Paulo, o que facilita o transporte e diminui os custos." O pesquisador diz, no entanto, que é difícil prever se esse cenário se manterá nos próximos anos, por causa da baixa lucratividade do setor, do aumento dos custos de produção, da alta incidência do greening e das dificuldades para comercializar a safra e contratar mão de obra para a colheita.

Outra vantagem dos quatro municípios com mais citros que cana é a diversificação. Enquanto Bebedouro, Itápolis, Colina e Olímpia dividem suas áreas somente entre cana e laranja, Casa Branca mantém cultivo intensivo irrigado de grãos e olerícolas; Conchal tem eucalipto e culturas anuais (mandioca,

milho); Mogi Guaçu aposta no eucalipto e ainda tem áreas de pastagem; e Mogi Mirim tem culturas anuais e pastagens. "A diversificação possibilitou que a ocupação com grandes áreas de cana-de-açúcar ocorresse mais lentamente e em menor quantidade, inviabilizando a instalação de unidades do setor sucroenergético e enfraquecendo a pressão pela mudança de uso da terra", afirma Ronquim.

O mapeamento da Embrapa mostra que Bebedouro, conhecida no passado como capital da laranja, reduziu a área plantada de citros de 37.000 hectares, o equivalente a 57,1% do município, para pouco mais de 13.000 (18,9%). Em contrapartida, a cana, que ocupava menos de 5.000 hectares (18,9%), passou para quase 40.000 hectares (57,4%). Na cidade, cerca de 80% das propriedades têm menos de 50 hectares. As maiores propriedades pertencem à indústria de suco Cutrale, que tem cerca de 3.200 hectares. Parte da fruta produzida em Bebedouro vai para as pequenas indústrias Natura Citrus, Delta Citrus e Jacobs Citrus, que produzem suco para o mercado interno ou vendem a fruta *in natura* para a merenda escolar.

A família de José Osvaldo Junqueira Franco, pre-

José Osvaldo Junqueira Franco, presidente do Sindicato Rural de Bebedouro



MARGENS DE LUCRO ESTREITAS E CRESCENTE INCIDÊNCIA DE DOENÇAS PRESSIONAM SETOR

Presidente do Sindicato Rural de Bebedouro, começou a plantar laranja na região em 1950. Ele conta que, a partir de 1961, com a instalação da primeira fábrica de suco na cidade, a Citrosuco, a cultura teve grande expansão. Na década de 1980, José Osvaldo plantava 150 hectares de citros. Hoje, mantém apenas 50 hectares e destina outros 200 hectares de suas propriedades para a cana. "A laranja deixou de ser um bom negócio a partir de 1999, quando o país registrou uma superprodução de 400 milhões de caixas, 20 milhões ficaram no pé e a indústria impôs uma redução no preço contratado", diz o agricultor.

A chegada do greening, em 2004, doença que obriga o produtor a erradicar os pés infectados, foi outro fator que levou José Osvaldo a trocar a laranja pela cana. "O preço baixo desestimulou o produtor, e o greening tirou a esperança", diz José Osvaldo, acrescentando que, depois de 2010, a maioria dos produtores de Bebedouro arrancou a laranja e foi para a cana. O sindicato tem 750 associados na região e somente 250 ainda plantam laranja. A colheita é feita no sistema de condomínio, para aproveitar a mão de obra coletivamente o ano todo.

O casal Elida e Marco Antonio Magioni também trocou a laranja pela cana após 20 anos. No final de 2012, eles erradicaram o último talhão na Fazenda São João, na vizinha Barretos, após perder 10 mil caixas no pé por falta de comprador. "Todas as nossas

propriedades eram de laranja. Arrancamos as últimas árvores chorando. Não dava mais para bancar o prejuízo. Só naquele ano, perdemos RS 200 mil", diz Elida, também filha de citricultor. Ela conta que chegou a oferecer a fruta para um hospital da região, mas ninguém foi colher.

A família da dentista Márcia Maldonado seguiu o mesmo caminho. Produtores de laranja durante 40 anos, resistiram muito, mas também acabaram cedendo espaço para a cana. "Meu avô era plantador de café. Meu pai, Aristides, investiu muito na laranja, mas o preço pago pela indústria inviabilizou a produção e nos levou para a cana. Sobrou pouca laranja. O jeito agora é rezar para a cana dar certo."

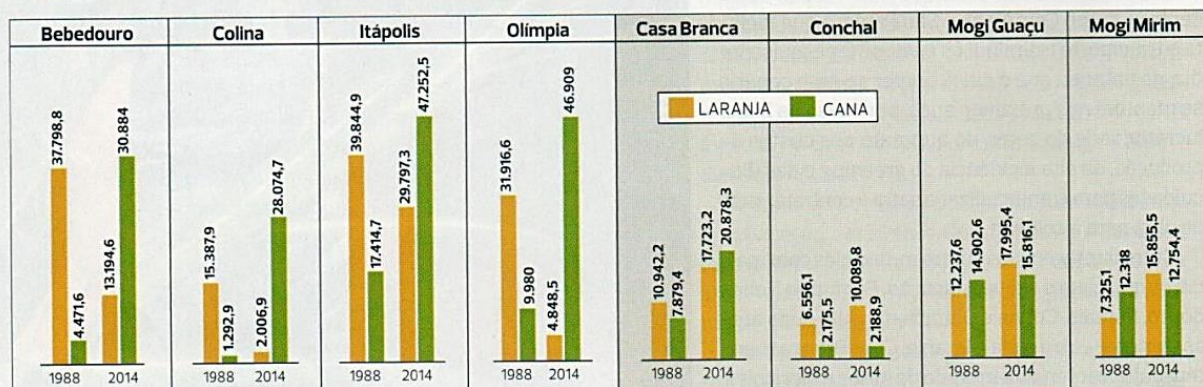
Sem volta

Os produtores são unânimes em afirmar que a troca de cultura gerou um problema social. "Tivemos de dispensar muita gente. Muitas empresas quebraram e até pequenos comércios, como oficinas mecânicas e lojas de pneus, que estavam atrelados à citricultura, fecharam", conta Márcia.

A cana é um caminho sem volta. "Quando o citricultor resolve partir para a cana, ele já está no fundo do poço, totalmente descapitalizado", diz José Osvaldo. O produtor que vai para a cana vende todo o seu maquinário, trator, pulverizador, aplicadora de herbicida, casa. Para voltar à laranja, ele precisa no mí-

Disputa por área em municípios das bacias dos rios Pardo e Mogi (SP)

Evolução do cultivo ao longo do período pesquisado (em hectares)



Fonte: Embrapa Mapeamento por Satélite



nimo de RS 300 mil para se reequipar e mais RS 100 mil para plantar e ainda tem de esperar três ou quatro anos para começar a produzir. A cana gera retorno em um ano e meio e tem custo de implantação estimado em RS 5 mil por hectare, um terço do custo do hectare da laranja.

A cidade de Conchal, de quase 27 mil habitantes, respira laranja. Das 650 propriedades agrícolas, 500 cultivam citros. Só 50 unidades têm mais de 50 hectares, a maioria não passa de 25 hectares. O município tem uma unidade da Cutrale e pelo menos 14 barracões que compram, se encarregam da colheita e do transporte, processam e revendem a laranja *in natura* o ano todo.


Especialistas

A família Pissinatti, com tradição de mais de 50 anos na laranja e fazendas que somam 300 hectares, é uma das maiores produtoras da cidade. O agrônomo da Casa da Agricultura Santo Augusto Pissinatti, filho de um dos três irmãos que cuidam da lavoura, diz que a família planta muitas variedades para ter opção de mercado e renda o ano todo. Metade vai para a indústria e metade é comercializada *in natura*, tendo como destino o mercado de São Paulo.

Janio Carlos de Oliveira, de 53 anos, é citricultor há 35 anos. Ele e mais três irmãos, ajudados pelos filhos e dois empregados, colhem 100 mil caixas por ano

em 216 hectares e entregam a maioria na indústria. Como os colegas, Janio reclama do preço pago pela indústria e do custo de produção cada vez mais elevado, por conta das doenças, mas diz que nem passa por sua cabeça trocar a laranja pela cana. Aliás, ele já fez o caminho contrário. Em 2006, comprou uma área de 36 hectares de cana e plantou citros. "Nós somos especializados em laranja. Temos nove tratores e todos os equipamentos. Não dá para trocar", diz.

Já Pedro Osvaldo Fadel é o retrato do citricultor desanimado. Com 60 anos de laranja, diz que já ganhou muito dinheiro, mas hoje só se mantém na atividade por falta de alternativa. Dono de 120 hectares, produziu 60 mil caixas de laranja na última safra, com uma produtividade inferior à média estadual, de 1,57 caixa por pé. Entregou 30 mil para a Cutrale e 15 mil para o mercado. Diz que outras 15 mil caixas se perderam no pé por falta de comprador.

Além do preço, Pedro reclama também da mão de obra. "Já tive 60 empregados, mas hoje é muito difícil encontrar quem queira trabalhar na roça. E, quando acha, trabalha poucos meses e já te coloca na Justiça." Ele reclama que, nos últimos anos, a laranja só deu prejuízo. Afirma que vai arrancar 20 mil pés. Só não sabe ainda o que vai plantar no lugar. 

Janio de Oliveira reclama dos baixos preços, mas não pensa em trocar a laranja pela cana

